

## APRESENTAÇÃO

Ocupar o mundo com humanidade e se ocupar dele, com todas as formas de solidariedade que esse termo implica. Esse deve ser, em minha opinião, o princípio básico de uma educação contemporânea. Trata-se de educação, e educação ao humano. Aprender é necessário, mas não suficiente. Pode-se ter aprendido muitas coisas e alimentar as fogueiras da Santa Inquisição, fabricar a bomba de Hiroshima, deixar imigrantes afogarem-se no Mar Mediterrâneo ou aderir a essas outras formas de barbárie que nos propõem o pós-humanismo. Educar é educar ao humano. A barbárie, sejam quais forem suas formas, incluindo muito modernas, pensa fora do humano. Educação ou Barbárie, hoje é preciso escolher (Bernard Charlot, 2020, p. 304).

Tomando as lições de Bernard Charlot<sup>1</sup> e aprendendo com a sua afirmação na epígrafe que inicia essa apresentação e que incide, grosso modo, sobre educação, esta coletânea destina-se a todos(as) aqueles(as) que desejam conhecer fenômenos sociais relativamente ocultos, mas também, escancarados nas relações sociais brasileiras – ou por que há que se preservar a barbárie e suas formas modernas de manter estereótipos, preconceitos, discriminação e exclusão do outro – o negro, o indígena, enfim, o não-branco? Como e por que ocultar, silenciar, acovardar-se diante das desigualdades sociais, raciais, de gênero, sexualidade e classe social? Com efeito, uma sociedade e mundo de exclusão, violências, feminicídios, racismos não é o melhor lugar para se viver a humanidade.

Por isso, as discussões e reflexões apresentadas neste livro interessam a vítimas e agressores, já que podem, certamente, aprender as lições de Charlot, mas também dos movimentos sociais, e outras lições que estão apresentadas nos capítulos que compõem esta coletânea, que denunciam e interpretam fenômenos seculares e, também, aos leitores que se interessarão por ler e fazer análises teóricas destas questões e categorias mostradas em cada um desses capítulos. Interessa, também, porque mesmo a despeito dessas muitas violências, os sujeitos e coletivos negros, indígenas, quilombolas, ciganos, de mulheres, LGBTQIAP+, entre outros, não só têm lutado contra essas violências, como têm produzido, do ponto de vista político e epistêmico, modos “outros” de conhecer e fazer-se conhecer.

Este livro é o resultado de discussões, reflexões, trocas de conhecimentos e saberes sobre Etnicidades, educação e diversidades entre pesquisadores, professores de universidades, coordenadores de grupos de pesquisa, com interlocuções e orientação a mestrandos e doutorandos dos Programas de Pós-graduação nos quais atuam como docentes e discentes, orientadores e orientandos.

O seu objetivo é discutir as relações sociais de gênero, étnicas, raciais, além de outras questões pertinentes no momento atual, numa perspectiva em que se entrecruzam etnicidades, educação e diversidades e a produção do conhecimento no ensino, na pesquisa e na extensão na universidade e, especificamente, pela comunicação entre os grupos de pesquisa e a socialização e divulgação de resultados de suas ações que nos permitem e

---

<sup>1</sup> CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?:** uma escolha para a sociedade contemporânea. Tradução Sandra Pina. São Paulo: Cortez, 2020.

permitirão aos leitores a refletir sobre a área de educação e seus entrelaçamentos a outras áreas do conhecimento e saber científico e sobre as relações sociais brasileiras.

O livro está organizado em quinze capítulos. O primeiro é dedicado à discussão sobre “*O papel da mídia na perpetuação de estereótipos e a ideologia do embranquecimento racial*”, de autoria de Catiana Nery Leal, Cláudia Vieira Silva Santos, Sandy Fernandes Menezes e Maria de Fátima de Andrade Ferreira. Nele, as autoras analisam o papel da mídia na perpetuação de estereótipos e na construção do embranquecimento racial – uma trama que envolve questões raciais e a ideologia da mestiçagem no Brasil.

O segundo capítulo apresenta resultados de uma pesquisa realizada por Victor Hugo Pérez Gallo e Zoraide Santos Vieira sobre “*As famílias ciganas do bairro de Torrero: estudo longitudinal das transformações socioeconômicas no período de 1990 a 2020*”, realizada na Espanha, cujo objetivo foi analisar a evolução da situação socioeconômica das famílias ciganas no bairro operário de Torrero, em Zaragoza, no período de 1990 a 2020.

No terceiro capítulo, “*Formação docente e relações étnico-raciais nas Narrativas de professoras de uma escola quilombola, Jaguaquara-BA*”, Milena Lima Tamborriello, Benedito Gonçalves Eugênio e José Valdir Jesus de Santana apresentam os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola quilombola localizada no município de Jaguaquara-Bahia, com o objetivo de analisar se a formação docente tem contribuído, a partir da perspectiva das professoras, para o trato pedagógico das relações étnico-raciais no contexto escolar.

O quarto, intitulado “*Uma reflexão sobre relações interpessoais e diversidade étnico-racial na educação infantil*” é de autoria de Vaniele Rocha Santos e Cândida Maria Santos Daltro Alves. Nele, as autoras refletem sobre a importância das relações interpessoais na Educação Infantil, com foco nas relações étnico-raciais.

No quinto capítulo, intitulado “*Os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas e a decolonização da educação*”, Gilvânia Oliveira da Pureza Santos, José Valdir Jesus de Santana e Marise de Santana apresentam e analisam pesquisas que tiveram como objeto de estudo os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, identificadas no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em um mapeamento realizado tendo como marco temporal os anos de 2011 a 2021.

O sexto capítulo traz um questionamento sobre “*O que significa ensinar cultura através da Lei n. 10.639/2003?*”, de autoria de José Ricardo Marques dos Santos. Esse questionamento, segundo o autor, é necessário para compreendermos o novo contexto em que as populações descendentes de africanas e africanos no Brasil se encontram – principalmente a partir da promulgação da Lei n. 10.639/2003.

O artigo de Romário Pereira Carvalho, José Valdir Jesus de Santana e Vangéria Teixeira Kunhavalik, constitui o sétimo capítulo, intitulado “*Políticas de educação escolar quilombolas: breves considerações*”. Nele, os autores situam o debate acerca da emergência das “comunidades remanescentes de quilombo”, reconhecidas pela Constituição Federal de 1988, e como os movimentos quilombolas contemporâneos, em diálogo com os demais movimentos negros, formularão uma perspectiva de educação “específica e diferenciada” que atenda as demandas e interesses dessas comunidades, sobretudo no que concerne à valorização de suas histórias, saberes e culturas.

No oitavo capítulo, Flávia Lopes Silva, José Valdir Jesus de Santana, Benedito Gonçalves Eugênio e Maria de Fátima de Andrade Ferreira apresentam os resultados da pesquisa sobre “*A educação para as relações étnico-raciais na educação básica na produção acadêmica dos*

*Programas de Pós-graduação em educação das universidades estaduais baianas no período de 2003 a 2020*”. A pesquisa teve como objetivo mapear e analisar as dissertações defendidas nos Programas de Pós-graduação em Educação das Universidades Estaduais da Bahia (Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC e Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS) no período de 2003 a 2020, que têm como objeto de pesquisa a educação para as relações étnico-raciais no contexto da Educação Básica, com foco na formação de professores, nas práticas pedagógicas e nos processos de implementação da Lei n. 10.639/2003, de modo a revelar os avanços, limites e tensões para a construção de uma educação antirracista na área da educação.

Rafael Luiz de Albuquerque Vieira, José Valdir Jesus de Santana e Carlos Eduardo Costa, no nono capítulo, intitulado “*Os povos tradicionais e suas relações com os conhecimentos tradicionais*”, discutem sobre a importância dos conhecimentos tradicionais para as populações tradicionais, com destaque para os povos indígenas.

O décimo capítulo, “*Sobre modos indígenas de apropriação da escola: o caso dos povos indígenas do Nordeste brasileiro*”, José Valdir Jesus de Santana e Livia Alessandra Fialho da Costa apresentam e analisam algumas experiências e estratégias de *apropriação* da escola por parte de indígenas do Nordeste brasileiro, tendo como referência os povos indígenas Wassu-Cocal, localizado na zona da mata alagoana, Xukuru-Kariri da Aldeia Fazenda Canto, em Palmeira dos Índios (AL), Potiguara da Paraíba e Pitaguary, Tremembé, Tapebas e Jenipapo-Kanindé do Ceará.

No décimo primeiro capítulo, “*Comida e pertencimento: a cozinha da Festa de São Sebastião do Mulungu de Boninal – Bahia*”, Maria Eunice Rosa de Jesus e Livia Alessandra Fialho da Costa refletem sobre como a cozinha se constitui como espaço de poder, saber e de memória ancestral, tendo como referência a comunidade negra rural do Mulungu, localizada no município de Boninal, na Chapada Diamantina, Bahia.

O décimo segundo capítulo, intitulado “*Entrelaçamentos entre patriarcado, gênero e desigualdades contra a mulher no contexto escolar*”, é um recorte da pesquisa realizada por Eliane Alves de Oliveira e Maria de Fátima de Andrade Ferreira. As autoras refletem sobre os entrelaçamentos entre patriarcado, gênero e desigualdades contra a mulher no contexto escolar”, buscando uma definição desses conceitos à luz de estudos e pesquisas de autores que tratam de ampliar o debate sobre o tema, com o propósito de atualizar e contribuir com reflexões críticas sobre as relações entre meninos e meninas, formas de ser homem e de ser mulher e as diferentes formas da escola lidar com essas questões entre alunos e alunas.

No décimo terceiro capítulo, “*Lembranças cotidianas: entre educação e memórias: “novas janelas para a maturidade*”, de Jussara Tânia Silva Moreira, Evely Oliveira e Laís de Jesus Santana analisam como a chegada da Universidade Aberta à Terceira Idade, na Universidade Estadual de Santa Cruz, contribuiu para a construção de um sentimento de pertencimento entre seus usuários e como se formula uma concepção de educação voltada para esse público-alvo.

No décimo quarto capítulo, de autoria de Everton Sant’Ana dos Santos e Maria de Fátima de Andrade Ferreira, “*Patriarcado, violência e resistência: a condição feminina e a luta contra a violência patrimonial e social*”, os autores refletem sobre as formas de violência contra a mulher na sociedade brasileira, suas origens e consequências. Por último, no décimo quinto capítulo, Aline Sousa Santos e Maria de Fátima de Andrade Ferreira mostram no recorte “*Até que a*

*morte nos separe: apontamentos sobre feminicídios contra mulheres negras no Brasil*”, a violência que a cada dia afeta as mulheres brasileiras e, principalmente as mulheres negras.

Esta coletânea, portanto, é fruto de pesquisas sobre etnicidades, educação e diversidades e do encontro, sempre produtivo e implicado, dos pesquisadores e pesquisadoras que assinam os diferentes textos que a compõe. A elas(es) devemos, na verdade, a possibilidade de ter escrito e organizado este trabalho – uma coletânea plural, intercultural e interdisciplinar, que busca a decolonização do pensamento, do poder e do saber, no desejo por uma sociedade mais justa e, sem dúvida, mais igual, fraterna e solidária, na qual podemos decidir pela educação e dizer não a barbárie.

Os organizadores